

TCHIZA

"A REALIDADE QUE NINGUÉM
JAMAIS TE DIRÁ"

PODE
Passar





PODE
Passar



Sobre nós

A K.HQ (Katongonoxi HQ) é um grupo de roteiristas, criado com intuito de desenvolver e criar estórias para serem adaptados em roteiros.

K.HQ   .@katongonoxi_hq

EDIÇÃO | CAPA | DIAGRAMAÇÃO | PROJECTO GRÁFICO | AUTOR

TCHIZA

© TCHIZA | K.HQ

Protegido, de acordo com o código
dos direitos de autor e conexos.

ISBN: 978-989-33-4750-8

Copyright © 2023

Partilhar, resenhar



Plagiar, vender



**Dedico à
minhas psicoses**

PREFÁCIO

Tem algumas

Verdades
Que você Precisa **Ouvir**

Então fique ou

Pode passar

– você disse que: não paro de pensar nela...

– certo

– achei muito romântico.

– obrigado, eu acho! – sorri.

– devias, acho que deverias dizer isso a ela...

– já, mas ela nunca me ouve.

– insista então, porque ela parece alguém especial para o senhor.

– sim, é realmente algo especial... – desenhei novamente aquele leve sorriso nos lábios.

– algo?

– sim.

– como assim?

– a morte – ficou me encarando sem saber o que dizer, eu acho. Sua expressão anunciava estar triste e com pena de mim. Continuei: – penso nela desde o dia que descobri que existo e que o mundo rejeitou sempre a minha existência, porque eu era... ainda sou uma falha da realidade, por isso a vida torturou-me constantemente até então, mas a morte nunca ouviu minhas súplicas para me acolher no seu leito.

– sinto muito, sinto que a vida tenha sido cruel com o senhor...

– não sinta, não é culpa sua – disse – é que o mundo é perfeito demais para encaixar as falhas que pessoas como eu são. Apesar de tudo, tenho esperança que na próxima encarnação talvez eu venha concertado como eles – apontei para os perfeitos que passavam naquele belo jardim da administração de Viana – ou finalmente eu renasça num mundo de monstros como eu.

– o mundo senhor, as pessoas... nada é perfeita e não é falha ser diferente do comum, é só ser original

– kkk... Isso é engraçado!

– o quê?

– nada, só achei engraçado – ele também riu.

– porquê que isso não tá tendo sentido?!

– porque o mundo parece não ter sentido.

lá, eles passavam e olhavam, com um certo desprezo escondido no fundo do olhar, o traste que arrumava sua tralha na calçada, e que julgavam eles estar a falar sozinho. Como se eu me importasse.

Fiz-me a caminhada com o meu quibuto nas costas. Era quase vinte e uma hora e a ponte amarela estava longe de ficar deserta. O sol durmiu, mas as lanternas acordaram para as senhoras que costumam a vender nos carros de mão e até mesmo num pano estendido ao chão.

A fome começou a gritar em mim, acredita, ela me ralhava. Enfiei a mão no bolso e tirei um isqueiro, um rolo de kizaca (liamba) e quinze kwanzas. Eram os únicos míseros que tinha para confortar a minha barriga, mas até os bolinhos foram isolados no preço de cinquenta e o cinco que se tornou repulsivo para as/os comerciantes. Então nada podia comprar, nem sequer um pão.

Fui tentar pedir um favor e elas humanamente, ou seja, perfeitamente pediram-me com toda a normalidade do mundo para não sequer encostrar nas suas mercadórias. As mais boazinhas fizeram a delicadeza de me empurrar para longe. De coração mesmo, me merece.

Levantei, olhei para a felicidade das perfeitas após um acto tão humano, não evitei, também pus-me a rir. Não sei por que, mas aquele sorriso fez parecer a minha fome uma cossiquinha e não uma tremenda dor como os perfeitos pensam após passarem o dia inteiro só com o fumo de um belo cigarro e um pacote de Gin no estômago. Hum, idiotas.

Meti novamente o meu quibuto nas costas e subi a pedonal, lá em cima pude perceber algo quase mágico olhando para todos aqueles carros que circulavam. Então pensei que se eu pulasse daí e me estendesse na estrada os carros iriam passar em cima de mim e todos os meus ossos iriam gostosamente se esmagar, mas o meu maldito lado que ainda me unia aos perfeitos, não que eu tenha esse privilégio de ser igual a eles... enfim, iria me fazer sentir uma tremenda dor. E não é com a dor que quero partir.

Desci noutro lado. As cancelas fecharam, o comboio vinha a toda velocidade... de novo, pensei perspicazmente me unir aos trilhos, o comboio faria um bom trabalho e assim finalmente teria alguma utilidade nesse mundo. Os meus ossos e a minha carne que não parece tão gostosa assim alimentariam os cães. Dei dois passos para frente e peguei delicadamente a cancela. Sabia que o comboio passaria tão rápido que a dor seria quase nula, mas lá no fundo, percebi que morrer desse jeito não seria tão lindo assim.

Atravessei, entrei nuns becos. Encarei um grupo de perfeitos com garrafas, catanas, enxadas, mexaricos e muitos utensílios... noutro lado vinha um grupo idêntico a eles, perfeitamente humana. Que lindo de se ver. Esperava que seus pais estivessem aí para vê-los a se abraçarem e se acareciarem com todos aqueles objectos. Era como a marcha do carnaval na Baía.

Continuei caminhando, de repente nos dois lados sacaram as armas e começaram a reviver o ano novo, com o sangue a se fazer de fogo de artifício no ar e o barrulho dos tiros o completando. Senti...

Sinti uma fraqueza e a minha cintura estava meio que fria, quando olhei notei que estava encharcado com o sangue que o meu abdome esquerdo jorrava. Um dos meus ombros também decidiu expulsar um pouco para não perder contra o abdome. Que loucura.

Sentei lentamente e me encostei na parede, a festa ainda continuou e o barulho já estava a irritar meus ouvidos e a aumentar a maldita dor que herdei dos perfeitos. Estava a receber o presente que mais desejava, mas tive medo de o receber, confesso... então pensei em gritar. Mesmo que eu gritasse, esses ouvintes surdos que o mundo perfeito criou jamais chegariam a tempo para me socorrer. De alguma forma, sabia que eu morreria aí, mas não queria passar por toda aquela tortura.

Me desculpem, mas odeio os perfeito, não por essas duas balas... é que eles já nasceram com tantos privilégios que mesmo assim desprezam e nós com essa maldita vida que nos esforçamos tanto para dar-lhe um sorrisinho. Eles nem sabem ao certo o que nos faz sorrir, com quem conversamos... apenas decidiram julgar-nos e atribuir-nos o nome "maluco".

Tirei o cuxi (liamba) no bolso e apanhei o papel que o destino havia reservado para mim, enrolei e botei lá um pouco de cuspi para pegar bem a kizaca. Acendi o vagão e deixei ele me levar... já estava a me relaxar e a dor se fazia pequena. Quase que invisível. Precisava... deitei-me neste vasto colchão de areia e me senti na água. Meio que afundando e flutuando ao mesmo tempo. Tudo ficou quieto e de repente não sentia mais nada.

Meu sangue no chão já parecia um rio que envolvia meu corpo nele. O sangue parecia água e não fazia ideia do por que é que a água estava tão gostosa. Tão fresca. Meus braços abriram-se e não os senti na água, os senti água que junto e lentamente iam com o meu corpo pela correnteza daquele rio que acalmou até meus pensamentos.

Finalmente me senti caindo na queda de Kalandula, o vento a beijar-me o rosto e o som dos pássaros fazendo minha pele arrepiar... e continuava cair, mas nunca alcançava o fim da queda.

Fim!



DISPONÍVEL

E-book



"TALVEZ POR ISSO ME REVI TANTO
NA SUA MÔNICA. NELA ENCONTREI
UM PEDACINHO DE SI, DE MIM, DE
PESSOAS QUE AMBOS DEVEREMOS
CONHECER E QUE FAZEM PARTE
DOS NOSSOS MUNDOS"

PAULA FREIRE

AMOR PECADOR 2 E AS
LÁGRIMAS
da poesia

TCHIZA

Por apenas

1500 KZ

TCHIZA   @tchiza escritor

Clica no lixo

